

# Todas as Mulheres



**Vicente Portella**

**Monólogo**

# Todas as Mulheres

Monólogo

Autor - Vicente Portella

2025

Diagramação

Maria de Jesus Lima

\* Imagens da capa geradas a partir do olhar de IA regenerativa sobre o texto, com tratamento final de Maria de Jesus Lima.

## Prefácio

Escrever sobre as qualidades literárias de Vicente Portella é “chover no molhado”. Dizer o quê? Que ele escreve bem desde os 14 anos? Que é criativo? Que tem um estilo generoso, onírico-sensual, indelevelmente cidadão e que algumas vezes se veste com roupagens de um realismo mágico muito próprio? Tolice, perda de tempo. Portella é sobejamente conhecido do público que lê... que lê de verdade; principalmente aquele formado por seus admiradores na Baixada Fluminense.

Para justificar o seu prestígio como escritor de talento, bastaria citar: “Os Anjos do Pé Sujo”. Sensacional! Quando foi lançado, em 2005, movimentou quase toda a intelectualidade da Baixada, recebendo da crítica e do público os mais efusivos elogios. O próprio autor considera este livro um marco: “Primeiro pelo desafio de escrever um romance, depois pela concepção histórica do livro em si.” Vou além, a narrativa é tão bem urdida que não fica apenas na “concepção histórica”, avança em direção à política, à sociológica e até à satírica. Mas, é bom que se diga, tudo amarrado em linguagem cheia de esmeradas imagens poéticas.

Mas não é sobre “Os Anjos” o prefácio que agora escrevo, óbvio. Sobre este livro, Stélio Lacerda já discorreu com a maior competência.

“Todas as mulheres”, um monólogo.

O monólogo que dá título ao livro tem em Adélia uma espécie de corifeu em frenética viagem histórica- existencial. Adélia se apresenta ora despuorada, ora cínica...algumas vezes inocente, outras amante, mãe, militante política, operária. Heroína sem caráter – não confundir com mau caráter – Adélia é uma espécie de alter ego que habita, mesmo adormecido, em toda mulher. Marias, Terezas (de Calcutá e da breca), Antonietas, Madalenas, Josefinas e Severinas desfilam por este monólogo incômodo. Não estranhe, leitor, quando digo que este monólogo é incômodo, não estou querendo dizer chato, enfadonho, monótono, cansativo. Incômodo porque tira a gente da posição acomodada, alienante, submissa, burguesa-televisiva-consumista. Portella, com seus textos, subverte nossas consciências com uma estética do belo engajado, mas sem panfletos ou galhardetes. Tudo fluindo e fruído de forma natural, aparentemente simples; mas com as características da estética “chapliniana”, que admite muitas leituras, podendo, assim, ser entendida por todos.

Rogério Torres

OBS: Originalmente o texto de Rogério é mais amplo, se referindo, a outras obras do autor que seriam publicadas junto a este monólogo.

Separadas as obras no momento da publicação atual, optamos por usar como prefácio a parte que se refere especificamente ao monólogo TODAS AS MULHERES.

# I

Muito prazer, sou Adélia  
Não sou, felizmente, virgem,  
mas tenho lábios de mel.  
Não tenho muitas razões  
e nem paixões de aluguel  
Mas amo terrivelmente as coisas todas que vejo  
Nem todas, é bem verdade,  
mas quase todas, e beijo,  
esbanjando intensidade.

Meu nome é mesmo Adélia.  
Gosto de dizer pra todos que quero ser dançarina,  
mas brinco de ser felina e gosto mesmo é do dia,  
da noite e da madrugada.

Às vezes chego cansada ao meu ponto de partida  
apresentando nas faces  
a coloração vermelha.  
É o meu sangue aguçado percorrendo minhas veias,  
quase que em desespero.

Sigo a vida pelo cheiro que se desprende  
do corpo  
em suor, chama, centelha...

Sou jovem, balzaca, velha.  
Sou o que me der na telha.

Sou o traço que um poeta  
rabisca em algum papel de forma aleatória.  
Não faço parte da história, pois na verdade eu invento  
sempre o meu próprio roteiro.

Amar, amo o mundo inteiro.  
Da vida não abro mão.

## II

Quando jovem sou a corsa  
que ansiosa e deslumbrante  
atravessa a madrugada lançando mão dos delírios.  
Espalho todos os brilhos e cheiros de que disponho.  
Atiço os teus hormônios.  
Atrevo-me sempre mais.

Rodopiando no cais  
fumo, bebo, jogo, lanço  
meus tentáculos, e danço  
com qualquer moça ou rapaz  
que cruzar o meu caminho.

Das rosas, retiro o espinho.

Dos cravos, inalo o aroma.

Amo amores de Sodoma, de Madri, de Calcutá...  
Da Lapa ao Jardim de Alá.  
Amo as luzes do cenário.

Mas, muito além de amar,  
eu brigo se necessário  
e cobro dos donatários  
que exercem o poder  
meu direito de viver  
da maneira que eu quiser.

### III

Quando balzaca sou chama de atenta sagacidade.  
Se antes eu transbordava do cálice a bebida,  
agora ela é sorvida com os rigores da paixão.

Exijo todas as loas dos amores triviais  
E nunca mesmo,  
jamais,  
permito-me amar em vão.

A ânsia do meu desejo flui de mim eternamente,  
mas percebo, sutilmente,  
a arte que nos faz gente,  
escapar por nossos dedos.

Persigo o amor nos escombros  
das guerras do dia a dia  
mas equilíbrio meus medos.

Prezo demais meus segredos,  
reclamo, rejeito as farsas.  
Não permito que me imponham  
regras de comportamento  
e nem acato, calada, vontades que não são minhas.

Já sei ler as entrelinhas dos contratos sociais  
e nego a assinatura.  
Nem cláusula nem clausura.  
Viver pra mim é bem mais  
que parir bens de consumo.

Ao invés de algum chicote  
estalando em minhas costas,  
quero de bom grado o toque  
de dedos ágeis, macios,  
na minha nudez exposta.

## IV

Se me transfiguro em velha sei o segredo das coisas.  
Acumulo em meus olhos os raios da eternidade.  
E então exorto aos jovens  
que jamais sejam covardes.

Que revirem o planeta  
Revolucionem o universo.  
Eu prego que os insurretos  
avancem sobre as estrelas  
desalojando os tiranos.

Olhando minhas mãos eu vejo  
a marca firme dos anos  
e todo o desassossego  
das batalhas que travei.

Já fui escrava e vaguei  
por um deserto infinito.

Carreguei pedras no Egito  
para faraós soturnos  
erguerem seus mausoléus.

Em Rodes colaborei  
com a construção de um colosso  
que protegia a cidade.

Lutei pela liberdade  
com os artifícios da cama.

Em Roma fui açoitada.  
Da África, sequestrada.  
Em nossas praias vi corpos boiando  
em um mar escuro.

Vi tudo isso, mas juro,

jamais pensei ver um dia  
escravos opcionais.

Não admito que seres  
humanos que nascem livres  
permitam que suas vidas  
sejam subjugadas  
por elementos nocivos.

Eu amo o amor dos vivos.  
Libertas quae será tamém.

## V

Minhas pálidas mãos.  
Uma estrutura complexa e flexível,  
feita de carne, cartilagem e ossos.  
Uma concha, uma teia, uma garra  
especialmente construída  
para o toque, para a carícia ou para o soco.

Mãos que pousam sobre o dorso  
dos que amam feito loucos  
e percorrem os caminhos  
do corpo explorando os vãos.

Apenas um par de mãos.  
Miúdas, velhas, estáticas.  
Expostas e sorumbáticas  
diante de um mundo turvo.

Não reconheço estas mãos, toscas,  
que saltam, de forma brusca,  
e estouram, mediocrementemente,  
na flacidez do meu rosto.

Não são as mesmas que outrora  
emprestavam-me encantos  
percorrendo-me o corpo todo  
em horas de solidão.

Não são as mãos cujos dedos  
desvirtuavam meu senso  
colhendo vários sabores  
espalhados pelo mundo  
e me trazendo na boca  
sumos de tantos amores.

Olhando assim, como estão,  
parecem mãos que não tocam

nem mesmo acariciam  
corpos celestes no espaço.  
Mas, no entanto, meus dedos  
vagaram plenos, devassos,  
por camas, becos e grutas  
em noites agigantadas por gozo e sofreguidão.

Juro a você,  
essas mãos,  
esfregavam no meu rosto  
as coisas todas da vida.  
Amores, dores, odores,  
sensações descalibradas  
de prazeres insensatos,  
sentimentos abstratos  
de povo e de País.

São mãos de beleza e luta  
Da destreza mais arguta  
Mãos de pura habilidade  
Mãos de santa e meretriz.

Com essas mãos fiz loucuras  
e busquei a santidade.  
Por elas tive vontade de caminhar pelas ruas  
De brincar e ser feliz.  
De correr o mundo todo...

Mãos que esfregadas no corpo  
entranharam em minha pele um jeito estranho de ser.

Foram estas mãos que me deram  
toda a noção de poder  
que ostentei em meus olhos  
nos anos incandescentes  
que construíram minha glória.

Com essas mãos,

eu compus a minha história.  
Conquistei minha alforria,  
Tatuei minha miragem,  
meu sonho e minha agonia  
em pedras e pergaminhos  
para sempre condenados  
a atravessar as eras.

Por elas vivi as guerras,  
por elas verti paixões.

## VI

A maior de todas as aventuras  
de certo é a eterna procura  
por amor e liberdade.

Livre.  
Ser eternamente livre.

Canto livre, pátria livre, corpo livre.

Livre até para se subverter.  
Deixar de ser canto, pátria, corpo.  
Deixar de ser qualquer coisa previsível,  
amarrada, obrigatória  
e poder se transformar em nada,  
caso queira.

Ou se transformar em água, carne, vinho...  
A liberdade não pode ser um espinho  
encravado no fundo  
da nossa garganta,  
tutelada por um contrato,  
com tempo de duração  
e condições pré-estabelecidas.

A liberdade é a vida correndo no leito manso,  
esplendoroso ou bravio  
de um rio inexplicável.

É narrar o inenarrável da forma mais absurda.

## VII

É proibido proibir! É proibido proibir!  
Com canções assim,  
a alma balança.

É como se a febre da plenitude humana  
penetrasse em cada poro,  
cada pelo espalhado por cada pedaço do corpo.  
É como se aquela alma sobressalente,  
aquela que fica guardada em alguma gaveta do cérebro,  
escondida,  
para não nos fazer passar vergonha  
em família e em sociedade,  
pulsasse de repente com gana e ferocidade  
engolindo a outra alma.

A alma morta.  
A alma que querem  
que a gente use no dia a dia.

Aquela alma certinha, coerente, sensata  
e profundamente cretina.

Que se conforma,  
adere a tudo e reza todos os dias  
para as penas serem mais leves.

Aquela alma que age como um escravo açoitado  
clamando ao seu senhor:  
"Só mais uma, por favor,  
só mais uma chibatada".

É essa alma bem comportada que vê-se,  
deliberadamente, tragada pela outra,  
que aflora,  
enquanto a canção nos invade.

Se formos traçar um delta entre um ser,  
obediente,  
e um outro,  
libertário,  
encontraremos um vasto, sutil e inexplorado  
espaço a ser percorrido.

O primeiro tem o peito sufocado e dolorido.  
Quando ri é sem encanto,  
quando chora é trivial.

O outro tem no semblante a essência magistral  
do guerreiro absoluto.

É Alexandre da Grécia passeando com bucéfalo,  
semeando em vento bravo  
os sonhos nunca sonhados.

Eu quero esse ser alado.  
Esse Ícaro orgulhoso por suas asas derretidas.  
Esse que, cantando a vida, desafiou o Deus sol.

## VIII

É bom ser livre de tudo  
e galopar sem receio  
por toda a imensidão.

É bom carregar nas mãos  
a sobriedade e a ternura.

Soltar a alma na rua  
para que ela procure  
sua própria identidade.

É bom, ao cair da tarde,  
deixar o corpo voar  
seguindo a trilha do vento.

É bom sentir o momento  
em que a vida floresce,  
torna-se plena e madura.

## IX

As vezes uma saudade exótica  
e incongruente  
convulsiona minha mente  
e eu me sinto perdida.

Já não posso olhar a vida como uma bela aventura.  
É mídia, é Deus, é censura,  
quase tudo me aporrinha,  
amarra minhas mãos às costas  
ou me impõe seus antolhos.

Na minha idade não posso  
nem mesmo erguer os olhos,  
sem sentir o eterno medo  
de tomar uma porrada.

Maconha? Nem estragada.  
Trombeta e cogumelo  
– a manita matutina –  
viraram pó em saquinho  
nos altos-fornos da indústria  
que envolve toda a cidade.

Sobraram fogos e balas.  
É assim que os imundinhos,  
que chegaram ao poder  
se livram, solenemente,  
de todo ser que atrapalha.

Meus olhos não são mais olhos  
de ver paixão e poesia,  
mas teleobjetivas,  
em aparelhos diversos,  
amarfanhados nos bolsos,  
da enorme e triste manada  
que segue ao matadouro.

Quando se fala em boiada,  
logo se pensa no estouro.  
Mas essa segue calada,  
feliz e domesticada.

Com os cérebros, ao que parece,  
desplugados da tomada  
geradora de emoções.  
Ao invés de cantar canções,  
rezam, embriagados,  
para um Deus  
– livre mercado –  
que os traga redenção.

Dinheiro, muito dinheiro.  
E que se fodam os sonhos  
acumulados nos olhos  
de toda a humanidade.

X

Na verdade, esse mundo  
me parece dominado por um bando de covardes.  
Ao invés de romper as grades  
de sua própria prisão  
vão inventando mil Deuses,  
todos cruéis, como ingleses,  
colonizando outras terras.

Um Deus que proíbe tudo.  
Um outro que morre mudo e adora se abster;  
Outro que conduz os tolos ao fundo do cadafalso.  
E cada vez surgem mais  
igrejas e templos falsos  
para sugar almas novas,  
moedas e obediência  
da multidão que adota como seu eterno lema  
o absurdo teorema  
de que é pecado viver.

Idolatraram os conceitos de sofrimento e atraso  
como forma de pureza.  
Renegam a natureza e usam  
de velhos mitos  
como eficaz antídoto  
contra o amor e o prazer.  
Quem discordar ganha tiro,  
morre de amor no exílio ou exclui-se do sistema.  
Poema, pra que poema?  
Humanos são perigosos.  
Viva a robotização.

E tristemente a nação vai caminhando de lado  
ao modo dos caranguejos

Sempre que posso me vejo mudando  
os rumos da história.

Arrebanho meus amigos e faço a revolução sem disparar uma bala.  
Inverto os sons do sistema.  
Modifico os programas.  
Saboto a placa mãe.  
Espalho um vírus do bem  
por toda parte da rede  
e salvo milhões de seres  
das garras desses tiranos.  
Impregno a matrix  
com o germe do instinto humano,  
abolindo a insanidade programada no sistema.  
A pena é que, na verdade,  
sou eu quem pareço insana  
diante de toda a trama,  
dessa mesmice pequena.

## XI

As vezes uma angústia  
portentosa e acachapante  
invade meus aposentos e me deixa entristecida.  
Jamais supus que viver fosse tarefa tranquila  
à ponto de se deixar levar  
e sorrir pra tudo.  
Mas também não acho justo  
que se tenha que enfrentar os monstros  
o tempo todo.  
Por isso equilíbrio o jogo.  
Em meio a luta sorrio e mesmo sorrindo, luto.  
Em tal jogo permaneço  
até que o monstro me vença, ou fuja, pedindo arrego.  
Não importa se remoço  
ou mesmo se envelheço.  
Só me importa que meus braços  
mantenham-se preparados para algum novo combate.  
Se remoçar, quero arte.  
Se envelhecer, quero um beijo.

## XII

Das coisas todas do mundo  
perdidas pra todo o sempre  
o que mais me incomoda é o tempo jogado fora.

Acordem crianças! Acordem!

Há um mundo vivo lá fora  
precisando de vocês.  
Rasguem a lição do dia.  
Ignorem as advertências.  
Explore o corpo ao lado,  
do amigo ou namorado,  
e tomem o mundo nas mãos.

Já faz um tempo que a história  
fugiu pra dentro da máquina.  
Puxem ela pelas asas,  
arreganhem suas pernas e bebam da sua fonte.  
Corram, se multipliquem,  
montem uma enorme mesa  
de banquete e se sirvam  
de tudo ao seu alcance.

Beijem, pulem, gritem, dancem.  
Transformem este sanatório em um baita salão de festas.

Os imundinhos se prestam a coibir  
seus instintos  
em troca muita grana.  
Mas poderosos não amam.  
Então, mande-os ao inferno que eles próprios  
inventaram para impedir que as flores  
do planeta desabrochem.

Acordem crianças! Acordem!

No meio dessa agonia modorrenta, que dá nojo, há um baú escondido com tinta, pincel, estojo, lápis de cor e giz cera.

São acordes infinitos, bailarinas e atores, palhaços e trapezistas, poetas e escritores.

Há gente por toda parte ensaiando um passo novo, por mais que eles insistam em matar a alma humana.

É mentira o mundo triste, a que chamam realidade. Crianças pelas calçadas vendendo a dignidade, bala perdida voando em busca de um peito exposto, a fome, a morte, a trapaça que se assiste em palácios de governos e mansões... Esse bando de ladrões, trambiqueiros, vigaristas, milhares de parasitas exercendo o poder...

Nada disso é a verdade.

A verdade está, de fato, no belo beijo estalado dado no lábio carnudo. Nas mãos apalpando tudo ventre, coxa, bunda, seio. A verdade está no veio de terra que é cultivado pelas mãos de um simples homem.

Está na feira, na fábrica, na praça aos fins de semana. A verdade está na cama de todo amante sincero que trata o amor com esmero e atende aos seus caprichos. Está nos olhos dos bichos, nas paredes da oficina, no leito bravo do rio que abastece a cidade. A verdade está na tarde caindo sobre as cabeças de quem passeia na rua. No sol da manhã Na lua.

Na claridade do fogo.

A verdade não é um jogo a que se possa dar pausa  
como qualquer game boy.

E preciso reparar  
em todas as suas nuances.  
Nas pistas que ela nos deixa  
pra que possamos achá-la.  
Seja nos cantos da sala.  
No centro oco do mundo.  
Na rua.  
Na genitália.  
Na alma de um vagabundo.

A verdade grita tudo  
com a boca escancarada  
mas tem a voz abafada por cortinas de fumaça.

Rasgando essa carapaça  
que nos serve de redoma, ficaremos frente a frente  
com o olho nu da verdade.

Só nos basta boa vontade e um senso libertário pra fugir dessa mentira.

Acordem crianças, acordem!

Para além dessa porteira que nos mantém prisioneiros  
existe um mundo inteiro onde se cultiva a vida.  
Há sensações pululando na estrada ali em frente.  
Quebrem os elos das correntes.  
Mergulhem nessa lagoa, bela e desconhecida, oculta pelos temores.  
Deixem vibrar em suas bocas a explosão dos desejos.  
Permitam-se.  
Libertem-se.

Caminhem por sobre as nuvens como sempre fazem  
os seres que ignoram grilhões.

Que venham os jovens de agora  
Passar a limpo essa história  
Compondo novas canções.

### XIII

Hoje eu acordei pensando em luzes.  
Mas não em luzes de quartos,  
de lâmpadas vacilantes, incandescentes, broxantes, fosforescente  
ou algo qualquer que ilumine o corpo tão mal assim.

Pensei em luzes variadas, plenas, absolutas.  
Poderosas na essência, mas que também não iluminam  
as grutas em que os homens  
se escondem quando tem medo  
das estranhezas mundo.

Mas, mesmo assim quero luz.

Luz, quero luz.

A luz que faltou a Goethe  
também se esconde de mim.

E deve ser só por isso, por falta de claridade, que as dores todas  
me invadem, sacodem minhas entranhas, explodem nas minhas faces,  
mas não arrancam os disfarces  
que sempre trago comigo  
para os momentos difíceis.

Deve ser mais ou menos isso.  
Alguma espécie de eclipse  
particular e confuso que não me permite ver  
com os olhos de toda gente.  
Que não permite que a dor me doa naturalmente  
assim como dói ao cão, ao mendigo, à prostituta  
ou ao músico que não escuta a canção  
que ele próprio compõe.

Meu modo de perceber  
os dramas todos da terra é sempre tão diferente  
que as vezes até considero se a natureza exagera

ou se é condescendente e boa demais comigo.

Eu poderia dizer que na verdade não ligo,  
mas isso seria mentira, pois, todas essas coisinhas,  
no fundo, me incomodam.

Também queria que a droga da novela de TV  
se inoculasse em meu sangue  
para que eu, em rodas de papos falsos,  
não me sentisse absurda.

Queria compartilhar com as mães profissionais  
os problemas de família,  
como a castração das filhas,  
a exposição dos filhos, os reclamos dos maridos,  
as tarefas da cozinha, da casa, da empregada,  
a arte do amor de fachada,  
a necessidade extrema de uma nova mobília...

Eu também queria, eu juro, viver de hipocrisia  
rogando a todos os santos, mas somente para mim,  
a felicidade plena, negada a minha vizinha.

E vejam bem, digo juro como prova irrefutável  
de que quero adquirir os vícios vocabulares  
de que todos fazem uso.

## XIV

Apesar desses percalços  
do comportamento falso,  
das mega idiotices constatadas o tempo todo,  
do amor pelo engodo desenvolvido no cerne de tanta gente que vive  
cultivando a esperança de ludibriar a vida,  
me sinto cada vez mais jovem.

Mas também me considero, às vezes, bastante envelhecida.

Já vivi tantas façanhas, vi tanta mediocridade, que fico muito  
à vontade para opinar sobre tudo,  
e exatamente por isso,  
por ser jovem, velha e dama  
de meia idade,  
é que trago no embornal enorme variedade de coisas a oferecer

Trago água de beber colhidas em muitas fontes, trago esmeraldas, diamantes,  
venenos e essências raras.

Eu trago todas as taras ousadas no mundo inteiro,  
trago flores, trago cheiros  
e misturado à isso tudo trago um universo de dores, de sorrisos e temperos  
impensáveis para alguns.

Na verdade, permaneço boiando  
no meio termo, entre o raro e o comum.

A anciã subversiva, a senhora permissiva e a moça sentimental  
que prega revolução,  
todas elas me são caras e impregnam minha alma  
com pouquíssimos pudores e um gigantesco senso  
de criação e liberdade.

Na confusão das idades já nem sei se ser eu mesmo  
revigora alma e corpo, estabelece conforto  
ou simplesmente enche o saco.

Meu tempo é tão desconexo que já nem sei com certeza

se existe algo no espaço que referende, de fato,  
tamanhas reflexões.

Navego entre tufões, mas também voo, tranquila, sob céus de brigadeiro.  
Vem daí o desespero, creio,  
e as alucinações, que me acompanham na estrada.

## XV

De todas as qualidades  
do tempo  
a que mais vigora  
e a que mais me apavora e ameaça meu intento,  
é mesmo essa coisa bela,  
mortífera e sacana  
chamada envelhecimento.

Torna escassos os momentos, mas, do mesmo modo faz  
com que percebamos cores em coisas que antigamente  
nos pareciam banais.

Meus dedos velhos que ontem  
costuram meu destino, hoje, puro desatino, não sabem mais o caminho  
seguro a ser seguido.

Cozinho meias palavras.  
O que não sei, adivinho.  
Mas perco-me nessa estrada  
estranha e inacabada que se abre à minha frente.  
Eu não posso ser mais nada.  
Sei disso naturalmente.  
Já perdi a cor da pele, dos olhos e dos cabelos.  
Quebrei todos os espelhos e com eles meus reflexos.  
Já sufoquei o meu sexo.  
E agora, o que me resta, é um resquício de voz.  
Eu uso e abuso da voz, tremida e vacilante.  
E nesse parco instante, vocífero e vos suplico.  
Eu grito à plenos pulmões  
Ergam os olhos.

Eu grito.  
Levantem ambos os braços  
Lutem até que seus trajes se transformem  
em farrapos, como já fizeram muitos, em outras guerras travadas  
na história da raça humana.

Empunhem vossas espadas como Zumbi dos Palmares  
mas não se esqueçam, na luta, dos versos, dos Quintanares,  
de Pasárgada e da Ilíada, de Aquiles e de Heitor.

Não deixem cair por terra, em meio à grande batalha, a ânfora em que se  
guarda o sonho justo dos guerreiros.

Lutem!

Mas lutem inteiros, com corpo e alma na luta.

Não permitam que a vitória escape  
por suas bocas e nem que o aço da adaga retalhe seus sentimentos.

Lutar é acima de tudo revigorar-se por dentro.  
É guerrear por amor à vida e a liberdade.

Por amor à humanidade embrenhar-se  
em pelejas, em batalhas colossais, lembrando a boca  
que beija e a mão que acaricia.  
Lembrando o amor que vicia.

Endurecer, pero sim, perder la ternura, jamais.

Agora o sono me chega  
Já não grito como antes  
As mãos – sempre as mãos – me negam  
as batalhas mais vibrantes  
e, tolas, fracas, se entregam  
ao repouso do meu colo

Recolho armas e enrolo em paus as minhas bandeiras  
Repouso em minha trincheira  
aguardando o tempo certo  
de reconduzir a flecha ao olho do inimigo.

Um dia rejuvenesço, volto a guerra e consigo  
dar novo brilho as estrelas.

## XVI

Por mais estranho que possa  
parecer a quem me olha,  
ainda cultivo desejos que a maioria ignora.

Eu abro a boca e meu beijo  
se espalha pelo planeta se impregnando nos corpos  
que encontro sempre ao meu lado.  
Ainda quero provar sabores mais apurados.  
Quero por na minha boca  
a polpa dos tantos frutos que permanecem escondidos.  
Aqueles que ficam guardados  
do lado escuro da lua,  
impossíveis de alcançar.  
Meu tato e meu paladar,  
no entanto, mantêm-se atentos.  
Farejo sabores no vento e vou a qualquer lugar  
pelo prazer de sorver  
o gosto de outros amores.

Gosto de crer que algum dia vou misturar em meus olhos as cores do arco  
íris.  
Celebrar gozos felizes.  
Verter mel sobre as pessoas.

Eu gosto da sensação de gozar alucinada  
e dividir coisas boas com todos que me rodeiam.

Eu falo, de boca cheia, que a coisa que eu mais amo  
nessa vida desumana  
é viver a mais profana experiência de êxtase.

Ignoro a exegese e sempre mergulho mais.  
Indo cada vez mais fundo.  
O que eu quero é que o mundo  
pulse sempre em um compasso  
voraz e acelerado,

como o arfar dos meios seios.

Quero a flor dos devaneios na palma da minha mão.

Pode até ser um delírio, uma adocce enganação...

Mas sempre vejo estampado

nos olhos da madrugada

o clamor do meu desejo.

É o meu amor que viceja de forma destrambelhada

e o olho da noite, embaçado, quase nunca enxerga nada

do que acontece por dentro

da minha intensa paixão.

Eu quero lutar as guerras, desafiar muitas feras, defender a humanidade.

Mas antes quero a dosagem certa de amor e drama.

Quero, à partir de uma cama, lutar contra os indecentes.

Na verdade, eu só quero

gozar tão sinceramente

que os tolos fiquem doentes

só de saber do meu gozo.

Quero que os poderosos

considerem horroroso

gozar tão feliz assim.

Eu quero que meu prazer

seja um grito apaixonado,

que o cheiro fique entranhado nas narinas dessa gente;

que eles lembrem para sempre do cheiro do amor em mim.

## XVII

Ainda me chamo Adélia  
Confesso minhas loucuras  
Sobrevivi ao holocausto, à solidão, à clausura  
Sobrevivi a tortura sem perder minhas vontades  
Equilibrei as vaidades e um turbilhão de desejos  
na ponta dos dedos meus.  
Fugi de todas as celas  
Tantos cárceres privados...  
Nasci, a bem da verdade, com um destino alado  
e voei sobre as cabeças  
de todos os meus algozes

Ferozes, todos ferozes.

Mas quem bem me conheceu sabe melhor do que eu da extensão do meu drama.

A voz suave engana, mas as mãos ficam marcadas  
e acabam contando tudo.

O rosto absorve traços  
e se torna um quadro, mudo, retratando, ponto à ponto,  
cada detalhe da história.

Hoje o que eu trago é glória.

Êxtase.

Superação.

Passei por todas as guerras sem,  
nem sequer, abrir mão,  
da minha sobriedade.

Eu amo a liberdade!

Escrevo com diamante  
no centro do estandarte  
que sempre trago comigo

esse lema,  
e me obrigo,  
a transformá-lo em verdade.  
Sou, com prazer e vaidade, todas as fêmeas do mundo  
que atravessaram desertos  
e enfrentaram reinados.

Deixei meu amor marcado com a mão direita, na pedra,  
e com a outra, a esquerda,  
empunhei o meu machado em tantas e tantas guerras  
que às vezes nem eu sabia os motivos do combate.

Horrores de parte a parte, presenciei em campanha.  
Mas nem sempre estive em luta ou em batalhas de morte.  
Já fui princesa na Espanha.  
Amei um homem da Côte  
do Rei São Luiz de França.  
Encontrei uma criança em andrajos de hebreu  
nas margens do rio Nilo.  
Tratei estresse e fadiga de soldados do império.  
Já condenei o adultério  
e fui a outra na vida  
de homens que conheci.  
Em Troia fui o pivô de uma grande batalha.  
A grande guerra de amor  
que atravessou as muralhas  
de uma cidade pacata  
à custas de um mero engodo.

E agora voo de novo,  
por sobre os céus das cidades,  
e vejo como é imensa  
e grave a desolação.  
Em algumas, falta pão,  
em outras, falta coragem.

Mas nem tudo está perdido  
só precisamos parar

de olhar  
nosso próprio umbigo,  
redescobrir os amigos  
e a velha capacidade  
de sorrir e de sonhar.

## XVIII

Quem sonha não vive só,  
então, pode se apoiar  
no ombro que está ao lado

Daqui mesmo, do tablado,  
já se pode convocar  
pessoas pra reagir.

Tem gente que vem da praça,  
outros da arquibancada  
alguns vem da madrugada  
e outros do camarim.

Vem gente de todo canto,  
do Rio e de São Paulo,  
de Pernambuco, Manaus,  
da Austrália e de Pequim.

A multidão se formando  
As vozes se embolando  
Os braços se levantando  
Grito de guerra ecoando  
Todos querem reagir  
O povo, o preto e o pobre  
A dama, o sujeito esnobe  
A prostituta e o marido  
A empregada e o faquir

Tem gente que vem de longe  
de Londres e Nova York  
gente que vem à reboque  
de algum concerto de rock  
beber o restinho aqui

E assim vai se juntando  
a massa,

e o poverú  
vai descobrindo que a vida  
vale mais que um troféu

Que o amor que a gente tem  
não pode ser de aluguel

A plateia descobrindo  
que também tem um papel  
a representar na peça.

Nego coçando a cabeça  
se descobrindo poeta

E as meninas se tocando  
misturando a silhueta  
redescobrando a faceta  
de se deixar seduzir

E os meninos do planeta  
dançando de boca aberta  
estetas e não estetas  
aprendendo a reagir

Tem gente de cara limpa  
Velhinha, mulata e freira  
rebolando as cadeiras  
e aprendendo a reagir

Tem gente lá do Nordeste  
amolando a peixeira  
tomando cana na feira  
e aprendendo a reagir

Vem gente de todo lado  
A moça vem do mercado  
O moço vem da curimba  
Tem gente que reza o terço

Tem gente que choraminga  
Todo mundo nessa ginga  
Aprendendo a reagir.